

A BARBÁRIE, IMAGINÁRIO DE UM *DESASTRE* DE EXPERIÊNCIA FACE A UMA PRESENÇA INILUDÍVEL

Barbarism, an imaginary *disaster* of the experience vis-à-vis an inescapable presence

José António Domingues

Resumo

Em *La Barbarie* apresentam-se notas mediológicas relevantes. Extrair essas notas será o primeiro e principal objetivo do artigo. Paralelamente, surge o interesse pela barbárie cultural do tempo presente – técnico -, arquitetado no livro através de um imaginário imenso de uma perda de referência ao fundamental, traduzida por Lévinas e Blanchot em *desastre* de experiência que atinge as estruturas mais fundas da constituição da experiência e da condição humanas hoje. Michel Henry participa com alguns pormenores de análise da formação da mediação técnica que, a nosso ver, são reconstituintes de uma manifestação que é uma contraprova da barbárie do mundo - de uma falta fenomenológica instalada - e que é, de algum modo, também, a resistência a um poder assegurar a opacidade total do tempo e espaço da vida através dos meios técnicos.

Palavras-chave: Mediação técnica. Constituição da experiência. Possibilidade fenomenológica da vida. Copropriação.

Abstract

The book *La Barbarie* presents relevant mediological knowledge. The aim of this article is to reach these notes. It develops an interest, also, about the nowadays cultural barbarism – technique – built upon an intense image of a loss of a fundamental reference, which is said by Levinas and Blanchot as *disaster* of experience that reaches the profound structure of the human condition and constitution in today's world. How Michel Henry contributes to the restoration of a phenomenology assumed as a counterproof of the barbarism and as resistance to a force of a complete negation of time and space of life through the medial sphere is the last objective of the article.

Keywords: Technological mediation. Constitution of the experience. Phenomenology of life. Copropriation.

Considerações Iniciais

“Penetramos na barbárie”¹ – e todavia a vida permanece como presença iniludível em toda a possibilidade de experiência. A crise indissimulável da vida é o objeto de análise em *La Barbarie*, que admite a explicação mais banal para esta crise: a aparelhagem concetual da ciência moderna é o germe da aparelhagem técnica que fragmenta o objeto vida. Com a técnica torna-se viável o controlo da vida. Não com efeito o controlo da finalidade humana, radicalmente indecidível. A interpretação que aqui apresentamos da ideia que fragmenta a vida resulta da leitura do capítulo três de *La Barbarie*, intitulado “La science seule: la technique” (“A ciência só: a técnica”). Procuramos justificar o conjunto de notas sobre a mediação técnica e seu caráter constituinte da experiência, assimilável a um ato racional, mas, em todas as suas dimensões, muito problemática para o que se observa de fato propriamente cultural. Nós damos os primeiros passos nos meios práticos da técnica e, por assim dizer, evidencia-se já rutura completa com os conhecimentos anteriores da humanidade realizados à volta das ideias de uma *archê* fundamental. Ora: porque e como se produz o contrário através dos meios técnicos? Como, de algum modo, se frustra a ação e a organização sistémica traçada entre ciência e técnica?

Artigo

1. Uma das teses de *La Barbarie* é: a ciência, como uma maneira de saber, de fazer «abstrações» que adquirem um valor absoluto de realidade “física” (“esta ciência a que chamo física”²), matemática, confunde-se com a técnica. Poderá pensar-se que não há outros modos de saber ou de fazer. Ou, se os há, não os podemos nunca identificar, exatamente, fora dos “movimentos”, como das “partículas”, ‘moléculas’, da metodologia representacional que a ciência constrói e que mostra a realidade, em que é que ela se constitui e se especifica. Opõe Michel Henry: mas a ciência não nos traduz uma realidade, mas uma imagem, o que significa que a ciência é um modo de *análise* em que os vínculos ontológicos se esvanecem. Faz-se: “a diferença ou o Abismo [ontológico] que Descartes, no

¹ HENRY, Michel. *La Barbarie*. Paris: PUF, 2008, p.7.

² HENRY, 2008, p. 72.

princípio da modernidade, identificou entre a ‘alma’ e o ‘corpo’³. Em vez de remediar-se a separação, sobrevoa-se. Emergem qualidades primárias para significar os estados puros das coisas, pelas quais se permitirão ver na sua propriedade essencial. Com esta *análise* física, a fenomenologia inverte a redução do mundo da ciência relativamente ao mundo da vida. O mundo da vida não deixa, claro, de existir, apenas não se sobrepõe à redução fenomenológica do mundo da ciência e deste à consciência do mundo.

Michel Henry procura sinalizar na fenomenologia de Husserl, e na sua consciência de mundo, de intencionalidade, a disposição e dispersão representacional do mundo da vida. Poderá pensar-se, então, que não há outra maneira de aceder ao tempo e ao espaço da experiência senão indiretamente ou não os podemos ver exatamente senão como “imaginário puro”⁴. Sem a formação estética. A análise da obra de arte assim o determina. Por conseguinte, não se evidencia um suporte, uma terra, uma gravidade, mas uma “imagem”⁵. Significa que a obra de arte é um modo imaginante [*imageant*] da consciência, ação desta. A obra de arte não pode estar fora da consciência, “especificando-se” [*s'épuisant*] como pura imagem. Esta especificação indica, para Michel Henry, a procura mal sucedida do vínculo da obra de arte à sua essência. Esta essência separa-se dela. Dir-se-ia que é um procurar em vão esse “fundamento” que permite atribuir “consciência”, que permite *ler* os elementos em que se compõem as obras, o que as obras realmente constituem. Com a representação, Michel Henry descobre a necessidade da mutação da fenomenologia da subordinação de um plano transcendente num plano de imanência. Daí a denúncia de uma falsa realização da natureza feita à maneira da ciência. Michel Henry aplica ao plano transcendente da ciência um esquema de ilusão, dado o modo como a consciência se furta a isso que a completa e conclui.

Procura situar-nos num esquema de aproximação da imagem, tão determinante na arte. A partir de *Deposizione di Cristo dalla croce*, de Fra Angelico, restitui-a: nós percebemos no quadro o número preciso de figuras colocadas à frente, à volta de Cristo, as casas, os edifícios por cima das muralhas e, em segundo lugar, nós constituímos a condição de uma espetatorialidade (neste estar em face da imagem reconhecemos ou identificamos o lugar onde se formam todas as imagens sensoriomotoras). A imagem representada corresponde a

³ HENRY, 2008, p. 72

⁴ HENRY, 2008, p. 74.

⁵ “Nada mais que uma imagem” é uma depreciativa análise de Adorno da metafísica moderna esboçada em *Dialética Negativa*.

uma percepção, em primeiro lugar, imaginária e que substitui a percepção na qual estão afetados todos os elementos: “vistos, imaginados e sentidos”⁶. O quadro não é um *noema* imaginário, forjado fora de si, fora da dimensão específica da obra, de cada elemento objetivo que a compõe. Este elemento serve para desencadear uma emoção, mas não transcendente, que o espectador experimenta. A emoção é uma resposta do espectador que não reconduz a uma fantasia. Remete para uma legibilidade da percepção afetada pelo que o criador pôs diante e perto do espectador. A imagem da *Deposizione* torna-se, deste modo, indiscernível da imagem do sacrificado, de uma conexão do espectador com uma dor forte. Como se ver e sofrer fosse da mesma natureza.

2. É a partir deste encadeamento e de uma imagem da ciência que não o atualiza porque se comporta como se resolvesse esse encadeamento sem prolongar-se até ao “mundo sensível da vida”⁷ que Michel Henry enceta a sua análise de uma representação virtual do mundo – ciência – que, por sua vez, se atualiza numa outra representação virtual - técnica. Esta circularidade vem mostrar-lhe a finalidade em que a representação vem resolver-se. A técnica não deixa de ser uma possibilidade da ciência e do seu saber teórico. Assegura uma continuidade ligando a forma de saber a uma forma de fazer de modo análogo. Mas mais que uma equivalência ou implicação, a técnica alarga mais o “conjunto de operações” teóricas e de “transformações” da ciência no presente.

Abordam-se duas concepções de técnica: a de um meio que dissipa toda a finalidade exterior, meio sem fim (como diz Agamben) – “quem diz meios diz fins”⁸. E como dispositivo de controlo [*maîtrise*] que se autodesenvolve incessantemente e que quebra a continuidade com o saber teórico da ciência, o autodesenvolvimento de uma rede de processos autónomos, desenvolvendo-se por si e em si, que agem sobre o saber, por consequência, suscitando-o e provocando-o, como a causa final verdadeira de si, em lugar de se deixar determinar por ele. Está é a essência da técnica moderna. Michel Henry assinala que a possibilidade genealógica [*possibilité principielle*] de qualquer coisa como uma técnica tem que ver com a fusão do carácter de controlo e do dispositivo instrumental ou operativo. Donde, a história é, por excelência, *técnica*. Mas ao mesmo tempo o que ela representa são ideias que podem construir por si mesmas, a partir delas, outras ideias. De modo que a

⁶ HENRY, 2008, p. 76.

⁷ HENRY, 2008, p. 77.

⁸ HENRY, 2008, p. 78.

técnica surge historicamente como uma essência que remete não só para a instrumentação, mas igualmente para a ideologia, fazendo-se mediologia, como diz Debray.

Distingue uma terceira concepção de técnica que designa de “saber-fazer”: «um saber que consiste em fazer, ou seja, um fazer que transporta nele um saber próprio que o constitui»⁹. Não se trata de uma dependência do saber teórico, mas é o próprio fazer que se identifica com saber, como se ao provar-se fazer o fazer provasse saber. O elemento deste tipo de técnica referida é, por excelência, o da vida. A vida enquanto lugar que traça a “emergência” de uma rede de dispositivos que se vai fazendo, detendo-se Michel Henry na experiência de manifestação da vida. A práxis da manifestação tem o corpo como operador: “Essa práxis é o nosso Corpo”¹⁰. Na análise deste tema diz-nos que a técnica é em função do corpo. A técnica determina-se em e pelo nosso corpo – singular e individual. Michel Henry identifica-o com uma *práxis* que caracteriza como: «exercício imanente da sua força»¹¹. Quer dizer, o corpo é um ser em esforço vivido interiormente. Esse esforço é passado para fora - movimento que assinala uma primeira cedência nos sistemas fenomenológicos internos do corpo – e exercido sobre o “corpo orgânico” (mas precisamente porque é vivido interiormente). No exterior, o corpo desencadeia o conjunto de poderes do corpo e que continuam nas extensões técnicas. É a Terra: “o limite intransponível do seu desenvolvimento”¹², tal e qual a vivemos, aqui e agora, e provamos através do corpo. A Terra representa um regresso à realidade dos limites do corpo que, por sua vez, representa um “poder” fundamental de progredir e de inventar “instrumentos”. A Terra permanece o elemento primigénito, por conseguinte, do ponto de partida e de chegada do desenvolvimento do corpo. É para a Terra que o corpo remete sempre, seja para a aprofundar, a deslocar ou a modificar multiplamente, atribuir-lhe uma forma inovadora. Na afirmação: “O ‘instrumento’ é originariamente uma extensão do Corpo subjetivo imanente e deste modo é como que uma parte do corpo orgânico”¹³ Michel Henry parece reportar-se ao esquema de Simondon e à formulação clássica da *organprojektion* de Ernst Kapp. Michel Henry não refere diretamente o corpo orgânico como constituindo a essência da técnica, mas o corpo e a sua práxis, que relaciona com a abordagem fenomenológica de um sistema

⁹ HENRY, 2008, p. 79-80.

¹⁰ HENRY, 2008, p. 80.

¹¹ HENRY, 2008, p. 80.

¹² HENRY, 2008, p. 81.

¹³ HENRY, 2008, p. 82.

subjetivo, dir-se-ia, mais importante. A técnica é um prolongamento do corpo interior do sujeito para este se alargar em esforço, o que corresponde a uma expansão. O instrumento forma-se deste movimento de expansão, constitui-se ao mesmo tempo que ele, em coalescência, é “como o que ad-vém [*ad-vient*]”¹⁴, como termo “móvel” [*mouvant*], consiste no “limite prático” do corpo.

A estrutura do instrumento é corpórea e também telúrica, coloca-se entre um e outro, faz-se de uma ligação Corpo-Terra. Trata-se de uma Copropriação [*Copropriation*] ou uma Corpopropriação [*Corpspropriation*], uma situação de apropriação do mundo. Será a ação originária do instrumento, correspondente a uma ação de transformação do mundo. Michel Henry faz derivar esta ação de apropriação da condição *a priori* do corpo a que chama de *corps-proprié* [corpo-apropriador], como se a Terra tivesse de ver-se sempre do ponto de vista da propriedade do corpo, manipulação, mudança originada pelo corpo e em tensão dialética com o corpo. O que não é nada evidente que a representação procure reproduzir ou refletir na esfera da objetividade científica, Diz o contrário, por um lado, a representação objetiva altera a ligação da copropriação em relação de causa-efeito, meio-fim; por outro lado, retira a ação do corpo do seu lugar ontológico original, isto é, um modelo faz de realidade. Coloca o ser num processo de legitimação falsa. A que não se refere a práxis – que deve corresponder a uma tradução ou mediação da imediação da vida e dos poderes imanes do corpo. A mediação que Michel Henry quer expressar é ela própria exigência do sistema fenomenológico da vida – “são as estruturas fenomenológicas do corpo original que determinam as modalidades do seu exercício”¹⁵. Daqui nasce a representação, quer dizer, é na vida interna que se passa tudo, é por ali que passa tudo, a mediação dá-se para atualizar-se vida. Para Michel Henry é preciso que a técnica emane de uma estrutura elementar, tornando-se complexa à medida que se representa. Processo de forma que se assinala numa forma superior (na medida em que é primeira forma) como cultura e que na arte, na ética e na religião é concluída (=concretizada). Quer dizer que há na arte, na ética e na religião equivalência ontológica, na medida em que expressam exatamente o mesmo: *possibilidade fenomenológica da vida*.

Chama-se técnica ao trabalho de atualização da potência fenomenológica. Esta ocupa-se do todo explicativo, um todo que a ação moderna técnica iludiu com a fortíssima

¹⁴ HENRY, 2008, p. 82.

¹⁵ HENRY, 2008, p. 84.

presença de dispositivos no mundo e a ação surge em forma de produção do mundo – há ‘física’ -, onde a máquina é o germe, o solo, o ambiente da ação e esta mantém-se, estranhamente, extrínseca – *a ação tornou-se objetiva*¹⁶. Esta ação assemelha-se a uma ação inumana. O inumano trata-se de uma fórmula de Lyotard que Michel Henry transcreve e que incide na razão hegemónica dos conceitos físico-matemáticos, os quais subvertem a condição da copropriação original dos homens na terra. De modo que os “conceitos” físico-matemáticos não podem ser de maneira nenhuma “conceitos” de essência. As técnicas serão os meios ao serviço da instalação das concepções físicas, como na biotecnologia, na microfísica, na cibernética, são pensamento quanto técnica, a causa e o fim de uma vida efetiva que decorre da articulação de um sistema de dispositivos que não espelham a razão intrínseca da ação. “Vida efetiva”, mas não dada no que é primeiro – imanência radical. A ‘ação’ é, por isso, o incomensurável do saber e da técnica da modernidade. Asserção que tem as seguintes consequências: o saber age como causa da ação, inicia-a, a aceleração da produção junta ação em escala (economia) e suscita a proliferação da fabricação de meios, e assim um desenvolvimento técnico retoma como fundação do saber científico.

As objeções: quanto à primeira consequência, diz Michel Henry: o saber coincide com a ação, existe em todas as formas de ação (estar de pé, andar, trabalhar, amar, ver, tocar). É o conteúdo que habita cada forma de ação humana. Esta coincidência vai ser referida como cultura. Quanto à segunda, insere a técnica no campo da copropriação original porque é aí que a técnica surge concebível, isto é, constituída e constituinte. É aí que intervém o elemento técnico como força de ação. O papel do corpo é determinante – ele é a ação e a capacidade de ação -, exibe autonomia, como no ato de premir o botão de comando do mecanismo. Em verdade, este ato é a rutura do humano com o mecanismo, quer dizer, é a ação que subsiste unicamente humana (o mecanismo mostra-nos uma dobra [pli] efetuada nas condições objetivas criadas no seu seio).

Considerações Finais

Com as suas considerações, Michel Henry vai de um extremo ao outro. Diz não haver situação mais empobrecedora e ruinosa para a cultura que a da redução da ação a uma perspetiva passiva do homem (trabalhador, espetador, cidadão). É claro que a

¹⁶ HENRY, 2008, p. 85.

copropriação trabalhada como anterior, uma determinante oculta, mas incontornável da ação, continua válida no tempo presente – técnico. O esquecimento do valor transforma-lhe todavia o alcance. A ação não se pode inserir na atualidade da vida, da vida como «sistema», ainda, a vida como “dispositivo”, como potência de “autorregulação”. A vida está tornada não só inútil, como impossível evocação, ao mesmo tempo que pode vir a tornar-se uma perda irremediável para sempre. Com a técnica, a vida é uma fabricação. A técnica inventou a natureza capaz de auto decisão. A decisão, a “nossa”, é trocada pela certeza, é absorvida já pelos modelos. Michel Henry tece desta maneira o diagnóstico do tempo contemporâneo essencialmente técnico e científico, deslindando um tempo em perda de referência - *desastre de experiência*, no sentido de presença irremissível do vivo (Lévinas, Blanchot). E pela combinação dos processos de saber e de fazer, da falta de prova ontológica que se inscreve como uma modalidade da ação, diz-nos que o que se passa hoje é a transformação dos princípios teleológicos. Quer dizer que a técnica constrói uma alternativa de valores, uma teleologia de produção, de intermediação e de consumo, cada um com sua própria artificialidade, óbvios uns relativamente aos outros, criando uma única ontologia a que o mundo parece estar obrigado, uma rede de coisas. Pela forma como está construída, instaura uma troca (o valor de uso do dinheiro) que corresponde à fluidez constante do universo da técnica, à indistinção entre técnica, saber, natureza, matéria e artifício, uma invulgar fusão, uma única conexão. Como um mal inexorável, a técnica propaga-se onde as imagens da ciência são conhecidas pela inteligência que as remete para a condição de objetos – *o outro da vida*¹⁷ - desligadas de todas as ligações, finalidades, isto é, desinteressada do corpo que tem vida dentro dele. Por isso, há sempre nelas uma opacidade – “transcendência negra”¹⁸ (99). É nessa mesma transcendência sem fim, que recusa a forma da imanência da vida, que Michel Henry se recusa a participar. E é essa mesma imanência que vemos procurar chamar a si no tempo contemporâneo – tão separado e tão unido, tão unido e tão separado. E depois, no meio dessa espécie de tempestividade vem a desenvolver o imaginário que vai separar os acontecimentos de depois da técnica com os de antes da técnica. Tudo começou antes e tudo se irá passar depois da inversão da relação crítica instalada por uma cultura caída aos pés de uma barbárie.

¹⁷ HENRY, 2008, p. 99.

¹⁸ HENRY, 2008, p. 99.